Bósnia-Herzegóvina

O país se recupera de uma guerra civil na década de 1990 que provocou mais de 200 mil mortes, a maior na Europa depois da II Guerra Mundial

HENRY GUTTMANN/GETTY IMAGES

TOM DUBRAVEC/AFP

País convulsionado

A Bósnia-Herzegóvina é um país europeu da região dos Bálcãs, nome dado à grande península que tem o mar Adriático, a oeste, o mar Egeu, ao sul, e o mar Negro, a leste. Uma das regiões-limite da Europa com a Ásia, tornou-se área de violentos conflitos com a desagregação da antiga Iugoslávia, na década de 1990. O território possui grandes reservas de minério, desde pedras para a construção civil até ferro, carvão, cobre, chumbo, zinco e ouro.

O país nasceu com a dissolução da Iugoslávia, que resultou ainda na fundação de nações fronteiriças da Bósnia-Herzegóvina: Croácia, Montenegro e Sérvia, além de Eslovênia e Macedônia (não fronteiriças). De 1992 a 1995, a Bósnia-Herzegóvina viveu a primeira guerra na Europa depois da II Guerra Mundial. O conflito, que opôs grupos nacionalistas sérvios, croatas e bósnios, durou 1.606 dias e fez 200 mil mortos, com milhares de pessoas assassinadas em chacinas de limpeza étnica (assassinato em massa de pessoas de etnia diferente).

O país vive sob a intervenção da União Europeia, e um novo acordo parece distante. Os bósnios defendem um governo centralizado, os sérvios se opõem a qualquer mudança. A presença de inúmeras etnias, culturas, religiões e línguas na região dos Balcãs, com frequência em situações de embate, está na origem do termo "balcanização".

História

Na Antiguidade, a região foi habitada por celtas e ilírios. Durante a Idade Média, foi ocupada por eslavos e depois húngaros. Em 1463, o território é anexado pelo Império Turco-Otomano. A maioria da população se converte ao islamismo, mas permanecem importantes comunidades ligadas às religiões ortodoxa (sérvios) e católica romana (croatas).

Em 1878, a Bósnia-Herzegóvina é posta sob a tutela do Império Austro-Húngaro. A anexação formal se dá em 1908. Rebeldes sérvios lançam uma campanha contra o domínio austríaco, que resulta no assassinato do **ARQUIDUQUE FRANCISCO FERDINANDO**, herdeiro do trono da Áustria, por um estudante sérvio-bósnio na capital, Sarajevo, em 1914. A Áustria declara guerra à Sérvia, dando início à I Guerra Mundial. Em 1917, a Bósnia-Herzegóvina foi incorporada ao Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, que, em 1929, passou a se chamar Iugoslávia.

Ocupado pela Alemanha nazista em 1941, na II Guerra Mundial, o país é defendido pela resistência dos comunistas, liderados por Josip Broz Tito. Após a derrota nazista, a Bósnia se transforma em uma das seis repúblicas da Iugoslávia sob o governo comunista de Tito. No período da Guerra Fria, ele guarda certa independência da URSS e integra o Movimento dos Países Não Alinhados.

Guerra da Bósnia

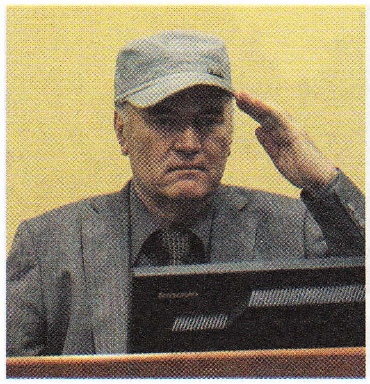
No fim dos anos 1980, com a crise dos países comunistas (após a queda do Muro de Berlim, em 1989), e já sem a liderança de Tito (morto em 1980), começa a desagregação da Iugoslávia. Há eleições em 1990, e surgem partidos ligados aos principais grupos étnicos da Bósnia: sérvios, croatas e bósnios muçulmanos. Após o pleito, forma-se um governo multiétnico.

O estopim da guerra de 1992-1995 ocorre em outubro de 1991, quando o Parlamento local declara a independência da Bósnia-Herzegóvina. A minoria sérvia não aceita – seus representantes rompem com o Parlamento e anunciam a intenção de permanecer na Iugoslávia ou em uma "Grande Sérvia", que incluiria partes da Bósnia-Herzegóvina. O governo bósnio convoca um plebiscito, em 1992, boicotado pelos sérvios. A independência é aprovada e reconhecida pela União Europeia e pelos Estados Unidos. Começa a haver confrontos, e o país mergulha em uma **GUERRA CIVIL**. No conflito, formam-se dois lados em luta: bósnio-muçulmanos e croatas (apoiados pela Croácia) contra os sérvios-bósnios (apoiados pelo governo central da Sérvia, sob a Presidência de Slobodan Milosevic, que se opunha à independência da Bósnia). A guerra foi caracterizada por "limpezas étnicas": expulsação de grupos diferentes das áreas que ocupavam e chacina de civis.

BÓSNIA-HERZEGÓVINA	
Capital	Sarajevo
Língua oficial	Bósnio*
Religião predominante	Islamismo
População (2011)	3,8 milhões
PIB US$ (2010)	16,9 bilhões
IDH (2011)	0,733

*bósnio, croata e sérvio são variantes literárias e nomes oficiais, dentro de cada país, de um mesmo idioma, o servo-croata
Fonte: ALMANAQUE ABRIL 2012

REUTERS


SERGE LIGTENBERG/GETTY IMAGES

Intervenção externa

A Guerra da Bósnia (*veja coluna à esquerda*) agrava-se em 1993. Os sérvios-bósnios dominavam 70% do território quando a Croácia entra no conflito, reivindicando parte do país. A Organização das Nações Unidas (ONU) envia uma **FORÇA MILITAR DE PAZ**. Em 1995, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) intervém no conflito e passa a bombardear posições militares sérvias. A intervenção leva ao fim da guerra. É então assinado o Acordo de Dayton, que define as atuais fronteiras e instituições da Bósnia-Herzegóvina.

O Estado é dividido em duas entidades semiautônomas, com a partilha do território: a República Sérvia (49% da área) e a Federação da Bósnia (51%), muçulmano-croata. A Presidência é tripartite: um presidente bósnio, um sérvio e um croata, eleitos pelo Parlamento, revezam-se a cada oito meses. Porém, acima dessa Presidência, o acordo criou o posto do Alto Representante da Comunidade Internacional, uma autoridade máxima nomeada pela ONU, com poder para demitir líderes, anular e decretar leis. A fragmentação do governo central é fonte crescente de instabilidade política. A União Europeia e os EUA pressionam por reformas constitucionais para centralizar o poder no país, com um único presidente eleito. Os nacionalistas sérvios se opõem a isso.

Ratko Mladic

Nos últimos anos, líderes dos grupos envolvidos na Guerra da Bósnia foram presos e entregues a julgamento ao Tribunal Penal Internacional (TPI), em Haia, na Holanda. Muitos foram condenados. O principal detido levado ao tribunal é **RATKO MLADIC**, que era comandante do Exército da República Sérvia (da Bósnia), quando esta se autoproclamou independente, em 1992. Com o fim da guerra, em 1995, Mladic fugiu e permaneceu, por 16 anos, como um dos criminosos mais procurados do mundo.

Militar de carreira, Ratko Mladic foi um dos principais responsáveis por ações de "limpezas étnicas", ao chefiar 85 mil soldados que promoveram chacinas de civis desarmados de populações não sérvias. Ele é acusado pela morte de 12 mil civis, incluindo 1,5 mil crianças, no ataque a Sarajevo, e pelo crime de genocídio, ao ordenar a morte de 7 mil muçulmanos em Srebrenica. Mladic é também acusado de tortura e abuso sexual. O general foi destituído com os acordos de paz.

Mladic escondia-se na vizinha Sérvia e foi preso em maio de 2011. Antes dele, já fora preso em 2008 o presidente da República Sérvia durante a guerra, Radovan Karadzic, também na Sérvia. A prisão e a punição dos criminosos da guerra fazem parte das exigências da UE e da Otan para a aceitação plena do país.

Refugiados

Cerca de 1,2 milhão de bósnios deixaram a região durante a guerra e tornaram-se refugiados em outro país, e 1,3 milhão fugiram dos combates dentro do próprio território nacional – os "deslocados internos". Aproximadamente 113 mil pessoas permanecem deslocadas na Bósnia, incluindo 7 mil que vivem em centros coletivos, muitas vezes em condições precárias, de acordo com dados de 2009 do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur). Essa mudança na geografia populacional é uma das consequências da limpeza étnica ocorrida durante a guerra.

Em meio ao lento processo de repatriação, acontece o retorno das minorias. Entre 1996 e 2011, mais de 1 milhão de refugiados e deslocados, entre muçulmanos, sérvios e croatas, voltaram à Bósnia.

A nova realidade traz à tona o problema da falta de habitação. Muitos dos que retornam descobrem que sua casa foi destruída ou ocupada ilegalmente. Além disso, para que fiquem, é preciso que encontrem trabalho e perspectivas. Dezessete anos após o fim do conflito, o país continua dependente da ajuda externa. Mas o dinheiro doado pela comunidade internacional não tem sido suficiente para reerguer a economia. Em 2010, a taxa de desemprego, de 27%, é uma das maiores da Europa.